

# Revista Adventista

MENS

AGEM

**N**ÓS, delegados da Divisão Sul Europeia, reunidos em Paris de 19 a 26 de Novembro, com nossos irmãos da Conferência Geral, A. V. Olson, vice-presidente; R. Whitsett, R. H. Adair e W. H. Bergherm, dirigimos a todos os nossos irmãos e irmãs da Divisão a expressão de nossos sentimentos fraternais.

Estamos cheios de alegria pelos relatórios maravilhosos que nos foram apresentados pelos presidentes de Uniões e secretários dos diferentes Departamentos. Com efeito, de 1 de Janeiro a 30 de Setembro deste ano, 7.215 pessoas foram acrescentadas à Igreja pelo baptismo. Todos os ramos da Obra de Deus realizaram progressos animadores. Mencionamos especialmente o Departamento da Escola Sabatina, que festejou este ano o seu centenário e que conta mais de 110.000 alunos.

Estes resultados dignos de menção veem-nos de Deus, que abençoou os esforços conjugados dos obreiros e dos membros de igreja.

Pensamos com um vivo reconhecimento na fidelidade de nossos irmãos e irmãs nos dizimos e nas ofertas. Alegramo-nos com o zelo que manifestam e a consciência de que deram prova por ocasião da Campanha das Missões. Neste domínio também há progresso.

A tarefa, porém, não está terminada. Exortamo-vos, pois, a redobrar de zelo e de fervor no serviço do Mestre. O horizonte escurece-se cada vez mais; necessitamos de obter o poder do Alto para triunfar de todos os obstáculos.

Hoje, como nunca, é o momento de vigiar e orar. Segundo a Mensageira do Senhor, a Igreja deve «despertar da letargia em que Satanás procura mergulhá-la, a fim de que ela possa realizar a sua tarefa que consiste em iluminar o mundo... Lembrem-se todos de que uma vida cristã bem vivida é o mais poderoso argumento em favor do Cristianismo.»

Sim, torna-se urgente um despertamento na igreja. Urge que o sopro de Deus passe a reanimar cada um dos Seus filhos. Então veremos verdadeiramente grandes coisas.

O número dos membros de igreja de nossa Divisão eleva-se actualmente a 90.000. Tomemos, juntos, sob o olhar de Deus, o compromisso de fazer o possível para atingir

no fim do ano de 1953 o número de 100.000 membros.

A hora é avançada. A tarefa é imensa. Os negócios do Rei urgem.

Nosso Capitão ordena: «Avante!» De pé, soldados de Cristo, avancemos por Deus com coragem e confiança.

W. R. BEACH, presidente — M. FRIDLIN, secretário

do Conselho Anual  
peia reunido em  
de Novembro de  
e aos Obreiros

da Divisão Sul-Euro-  
Paris, de 19 a 26  
1952, às Igrejas  
Evangélicos

# A Idolatria do Vestuário

por E. G. WHITE

«A idolatria do vestuário é uma doença moral. Não deve ser conservada na nova vida. Em muitos casos, a submissão às normas do evangelho implicará uma completa mudança no modo de vestir». — *Testimonies*, Vol. VI, pág. 96.

«Na vida do verdadeiro cristão o adorno exterior sempre está em harmonia com a paz e a santidade interior... Todos os que trilharam o caminho ascendente dos resgatados do Senhor darão mostras de que o seu gosto está convertido». — *Review and Herald*, Agosto de 1912.

«Para nada aproveitará dizer-vos que não deveis usar isto ou aquilo, pois se o amor a estas coisas vós estiver em vosso coração, o abandono de vossos ornamentos assemelhar-se-á à acção de podar a folhagem de uma árvore. As inclinações do coração natural voltarão a assaltar-vos. Precisais ter consciência própria.» — *Id.*, Maio de 1882.

«Não nos pertencemos a nós mesmos. Fomos comprados por elevado preço, a saber, os sofrimentos e morte do Filho de Deus. Se pudéssemos compreender isto, e apreender-lhe o pleno significado, sentiríamos a grande responsabilidade que sobre nós pesa de nos mantermos nas melhores condições de saúde, a fim de podermos prestar a Deus um serviço perfeito. Mas quando agimos de modo a consumir as nossas energias, debilitar as nossas forças, ou obscurecer o intelecto, pecamos contra Deus. Ao adoptar semelhante conduta, não O estamos glorificando em nosso corpo e espírito que são Seus, mas aos Seus olhos estamos cometendo um grande mal.» — *Id.*, pág. 43.

«É propósito Seu que os que observam os Seus santos preceitos sejam um povo distinto. Ao povo de Deus hoje, bem como ao Israel antigo, pertencem as palavras escritas por Moisés, sob a inspiração do Espírito: 'Povo santo és ao Senhor teu Deus: o Senhor teu Deus te escolheu, para que Lhe fosses o Seu povo próprio, de todos os povos que sobre a terra há'. Deut. 7:6». — *Testimonies*, Vol. VI, pág. 12.

«Se Deus ministrou instruções tão definidas ao Seu povo de outrora em relação ao vestuário, não dará Ele atenção ao modo de vestir do seu povo nos nossos dias? Não existirá, entre este e o mundo, uma distinção, no tocante ao vestuário? Não deverá o povo de Deus, que é Seu tesouro peculiar, procurar glorificá-Lo até mesmo no vestuário, sendo exemplo no modo de vestir, e por sua simplicidade reprovar o orgulho, a vaidade e extravagância dos mundanos e amantes do prazer? Deus requer isso de Seu povo». — *Review and Herald*, Janeiro de 1900.

«Os que afirmam conhecer a verdade e compreender a grande obra a ser feita neste tempo, devem-se consagrar a Deus, de alma, corpo e espírito. No seu íntimo, no vestir, no falar, e em todos os sentidos, devem-se afastar das modas e práticas do mundo. Devem ser um povo peculiar e santo. Não é o seu vestuário que os torna povo peculiar; mas por serem um povo peculiar e santo, não podem apresentar indícios de semelhança com o mundo.» — *Life Sketches*, pág. 350.

«Deus terá um povo separado e distinto do mundo. Se alguns têm o desejo de imitar as modas mundanas, Ele deixa de reconhecê-los como Seus filhos, tornando-se eles filhos do mundo e das trevas. Os que professaram aceitar a Cristo, virtualmente O rejeitam, e mostram-se estranhos à graça e ao bondoso e amável Jesus. Se O tivessem conhecido, andariam de maneira a honrá-Lo.» — *Review and Herald*, Setembro de 1884.

«Ao lermos a palavra de Deus, quão evidente se nos torna que o Seu povo deve ser peculiar e distinguir-se do mundo incrédulo que o cerca! A nossa atitude é importante e difícil; vivendo nos últimos dias, quão importante é que imitemos o exemplo de Cristo, e andemos como Ele andou!» — *Testimonies*, Vol. I, pág. 286.

## A influência do nosso vestuário

*Influência sobre a Saúde e o Carácter.*  
«As palavras da Escritura em relação

a vestuário devem ser cuidadosamente consideradas. Necessitamos compreender que o Senhor do céu dá importância à maneira de nos trajarmos. Todos os que buscam sinceramente a graça de Cristo darão ouvidos às preciosas palavras de instrução inspiradas por Deus. Até mesmo o feitiço do traje tornará manifesta a luz do evangelho». — *Id.*, Vol. VI, pág. 96.

«Em relação com o que podemos fazer por nós mesmos, um ponto existe que exige cuidadosa e atenta consideração. Devo familiarizar-me comigo mesmo. Devo estar sempre a aprender como tomar cuidado deste edifício — o corpo que Deus me deu — a fim de mantê-lo nas melhores condições de saúde... Devo ter especial cuidado em vestir-me de modo a facilitar a vigorizante circulação do sangue... Devo ter sabedoria para ser fiel guardião de meu corpo.» — *Medical Ministry*, pág. 230.

«A mulher está sujeita a sérias enfermidades, e seus sofrimentos são grandemente aumentados pela maneira de vestir. Em vez de preservar a saúde para as emergências que certamente terá de enfrentar, por seus maus hábitos, muito amiúde sacrifica não só a saúde mas também a própria vida, e transmite à prole uma herança de infelicidades, num físico arruinado, em hábitos pervertidos, em errôneas ideias da vida.» — *Ministry of Healing*, pág. 291.

«Os membros e pés têm grandes veias que recebem grandes quantidades de sangue, para que o calor, a nutrição, a elasticidade e a energia possam ser levados a eles. Mas quando o sangue se esfria nessas extremidades, os vasos sanguíneos se contraem o que torna mais difícil a circulação da necessária quantidade de sangue nessas regiões do corpo. A boa circulação mantém puro o sangue, e preserva a saúde. A má circulação faz o sangue tornar-se impuro, e produz congestão do cérebro e pulmões, causando enfermidades da cabeça, do coração, do fígado e dos pulmões. As modas do vestuário feminino são uma das principais causas de todas essas terríveis doenças.» — *The Health Reformer*, Agosto de 1868.

«Os pais não precisam alimentar a esperança de que os seus filhos tenham saúde se os vestem de capotes e peles, e cobrem as partes do corpo que não exigem abrigo, enquanto deixam as extremidades, que devem ter especial protecção, quase desnudadas. As regiões do corpo próximas às

fontes da vida necessitam menos abrigo do que as extremidades que estão distantes dos órgãos vitais. Se os membros e pés dispusessem do excesso de abrigo que, geralmente, se coloca sobre os ombros, pulmões e coração, e a saudável circulação fosse levada às extremidades, os órgãos vitais funcionariam com regularidade, tendo apenas a parte do abrigo que lhes toca.» — *Review and Herald*, Janeiro de 1900.

«Outra grande causa da mortalidade entre as crianças e os jovens, é o costume de deixar os braços e os ombros descobertos. Esse hábito não pode ser por demais censurado. Tem custado a vida de milhares.» — *How to Live*, págs. 68, 69.

«As senhoras podem recorrer aos cosméticos para readquirir a cor natural do rosto, mas não conseguirão restaurar assim a vitalizadora sensação de saúde ao coração. O que torna escura e manchada a pele, anuvia também o espírito e destrói a alegria e a paz da alma.» — *Id.*, pág. 191.

«Não poucas mulheres, esfalfando-se em preparar para si mesmas e para os filhos os elegantes costumes exigidos pela moda, vêm-se obrigadas ao uso constante de drogas... Por amor da moda sacrificam a saúde e a calma de espírito que é essencial à correcta educação que devem ministrar aos filhos. O cultivo da mente e do coração é negligenciado. A alma atrofia-se.» — *Ministry of Healing*, pág. 290.

---



---

## Devoção Matinal para 1953

**A «Devoção Matinal» para 1953 encontra-se muito melhorada em relação à do ano passado, com uma bela página a cores, versículos para todos os dias, guia para o Ano Bíblico de maiores e menores, numerosas poesias e uma tabela do pôr-do-sol de todas as sextas-feiras.**

**Todo o membro da igreja faria bem em munir-se de um exemplar.**

**Todo o jovem devia seguir a «Devoção Matinal», como preceitua a sua Lei.**

**A melhor oferta a fazer a um amigo no início do novo ano é um exemplar da «Devoção Matinal».**

**Preço: 3\$00.**

---



---

# COMO DAR-SE BEM COM TODOS

pelo DR. HAROLD SHRYOCK

Viajávamos pelo interior, meu filho e eu. Eram cerca de nove horas da manhã, e detivéramo-nos numa cidade para fazer algumas compras. Ao caminharmos ao longo da calçada, passámos junto de um homem que nos atraíu a atenção. Era-nos inteiramente estranho, mas havia na expressão da sua fisionomia um quer que fosse que nos dava a impressão de sermos velhos conhecidos. E ao encontrarmo-nos não pudemos deixar de trocar, muito naturalmente, um cortês «Bom dia!»

Ao continuarmos a caminhar, meu filho e eu, comentávamos quais poderiam ser os factores que contribuíam para aquele homem irradiar tanta simpatia.

Com efeito, já não existe mistério em torno dessa habilidade de se dar bem com os outros. O método é claro e simples como o é a regra áurea: Fazer aos outros aquilo que desejamos que nos façam a nós.

O melhor método de aprendermos a dar-nos bem com todos, é submetemo-nos a um interrogatório. Perguntemo-nos a nós mesmos: 1) Porque é que eu gosto das outras pessoas? 2) Porque é que eu não gosto dos outros?

Anotemos, por escrito, todas as respostas que nos venham à mente. Apliquemo-las então a nós mesmos, e estaremos habilitados a fazer aquilo que os outros apreciam, e evitar o que os aborrece.

Darei a seguir uma lista de pontos que me vieram à mente, ao procurar pôr em prática o conselho que acabo de dar.

## Traços desejáveis

*Cordialidade.* — Este é o traço que meu filho e eu admirámos no estranho com quem nos encontrámos na rua. Tinha na expressão do rosto e na atitude qualquer coisa que indicava haver ele encontrado o seu maior prazer em ser cordial. Para ele todo o estranho era um amigo virtual.

*Voluntária prestatividade.* — A prova da amizade é a voluntariedade em vir em socorro, no momento da necessidade. Apreçiamos este traço nos outros. Semelhantemente, eles o apreciarão em nós. Esta ati-

tude de prestatividade é o preço que pagamos para ter verdadeiros amigos.

*Voluntariedade em ouvir.* — Analizando as nossas atitudes, veremos que uma das coisas que apreciámos especialmente nos outros, é a sua boa vontade em ouvir o que temos a dizer-lhes. É humano o desejo de exprimir as nossas opiniões e contar as nossas experiências. Quando encontramos alguém que goste de nos ouvir, julgamos que encontrámos um tesouro. Da mesma maneira se dá se se trocam os papéis. O outro também gosta de exprimir as suas opiniões e referir as suas experiências. Se estamos dispostos a mostrar-nos diferentes para ouvir, ele naturalmente nos apreciará, e terá prazer da nossa companhia.

*Reconhecimento do são juízo alheio.* — Nós, seres humanos, jactamo-nos de ser criaturas de lógica, mais que de instinto. No entanto, muitas das nossas decisões baseiam-se em caprichos do momento, mais do que em são raciocínio. Mas as nossas decisões de maior importância, naturalmente, são premeditadas. Procuramos nesses casos exercer o nosso melhor juízo. Assim, é natural reconhecermos nos outros as suas decisões ajuizadas e passarmos por alto as menos sábias.

É apropriado reconhecermos e mencionarmos as evidências do bom juízo dos outros. Se, por exemplo, admiramos sinceramente o novo fato do nosso amigo, digamos-lhe isso. Isso indica que achamos haver ele exercido bom juízo na sua escolha. Se as crianças de uma família têm boas maneiras, mencionemo-lo aos pais, pois indica que reconhecemos terem eles exercido bom juízo no seu trato com os filhos.

*Reconhecimento de realizações dignas.* — Se dirigirmos a nossa classe da escola sabatina, no estudo de uma lição difícil, é-nos animador ouvir algum membro exprimir o seu apreço. Se trabalhámos muito por ter um belo jardim, temos prazer em que um amigo nos faça uma referência às belas flores. Se assámos um bolo gostoso, é-nos aprazível ouvir uma palavra de apreço dos que dele participam. Assim, no nosso trato com os outros, cultivemos

o hábito de fazer menção das realizações merecedoras. Se isso fizermos com sinceridade, como deve ser, os motivos que prontificaram essas expressões não poderão ser mal interpretados. E assim animaremos os outros e reforçaremos a amizade. (É claro que não devemos confundir a expressão de apreço e reconhecimento, com os elogios e louvores, que são muitas vezes perigosos).

*Consideração para com os conselhos.* — Ao pensar nos nossos leais amigos do passado, destacam-se alguns dentre os demais. Sem dúvida os que agora mais apreciamos são os que, em ocasião de correr-mos perigo de tomar uma decisão errada, nos deram bom conselho. Talvez nos fosse mesmo difícil aceitar esse conselho, no tempo em que foi dado. Acontecimentos posteriores, porém, nos levaram a apreciá-lo, e especialmente o espírito bondoso no qual foi dado.

Há ocasiões em que todo o bom amigo deve dar uma advertência. É esta uma das importantes funções da amizade. Mas o dar conselhos por vezes põe-nos em situação delicada. Devemos tomar todas as precauções devidas, para evitar humilhações ou censura aberta. Conselhos sérios não devem ser dados na presença de outras pessoas.

### Traços a serem evitados

*O hábito de ridicularizar.* — Ninguém gosta de ser objecto de ridículo. Ele fere o amor-próprio da pessoa. A crítica construtiva será necessária por vezes, mas o franco ridículo raramente pode ser justificado, se é que o pode ser alguma vez. A resposta normal ao ridículo é pagar na mesma moeda. De maneira que o resultado é separar os amigos.

*A atitude de quem sabe tudo.* — Esta é uma atitude típica da juventude. A pessoa que possui esse traço, é como se dissesse: «Se quiser ser meu amigo, tem de crer em tudo quanto lhe digo, e não duvidar da veracidade das minhas declarações». Isto é frequentemente um recurso protector pelo qual a pessoa assume ar de segurança em vez de reconhecer-se ignorante.

O aplicar esta observação a vosso próprio programa de cultivar amizades, exige que useis de tacto ao lidar com as pessoas mal informadas. Há mesmo ocasiões em que é mais bondoso deixar passar uma afirmação errônea, do que humilhar o amigo indicando-lhe o erro. Não assumais

ares de enciclopédia. Concedei ao outro o privilégio de errar de quando em quando.

*Desigualdade de humor.* — Eis um traço bem pouco simpático. A pessoa desigual requer, por assim dizer, que lhe mostreis especial consideração, pondo-a bem humorada quando ela não se sente em disposição agradável.

É natural que nos sintamos mais bem dispostos uns dias do que outros. Mas os sentimentos podem ser controlados. Isto demonstra-se pelo grande número de pessoas que aprenderam a nunca se mostrarem acabrunhadas ou melancólicas.

*O hábito da lisonja.* — A lisonja é um infeliz método de comprar amizade. Da mesma maneira que vos ressentis diante da tentativa de um aspirante a ser vosso amigo, de ganhar-vós o favor por meio da lisonja, também o empregardes esse método para com outros acabará em afastamento. Deve-se fazer clara distinção entre lisonja e um louvor baseado em factos. É justo e apropriado que um amigo fale bondosamente do mérito do outro. O motivo por que se proíbe a lisonja é que esta não é verdadeira, sendo uma forma de suborno.

*Indagações pessoais.* — Algumas pessoas são tão curiosas, que insistem em fazer perguntas directas. Esta espécie de inquérito rompe mais depressa as amizades do que as constrói. Na vida de toda a pessoa há certos assuntos que ela prefere não discutir. É descortês, portanto, fazer indagações nesses pontos.

Uma pessoa hábil em viver bem com os outros, desenvolve uma espécie de sexto sentido pelo qual percebe, quando a conversar com outros, que certos assuntos não convêm. Verificando isto, não impõe aos amigos o despazer de indiscreta curiosidade. Raciocina que, se o seu amigo quer que ele saiba de certos assuntos, manifestar-se-á por si mesmo, sem ser preciso interrogá-lo.

*O hábito de mexer com a pessoa.* — É divertido mexer com os outros, mas não muito ser objecto dessa brincadeira por parte dos demais. Há pessoas de forte personalidade, que sabem brincar, sendo capazes de fazer e receber pilhérias. A média das pessoas, no entanto, não vai muito longe na tolerância e ressentir-se com o que ultrapassa daí. No interesse da boa amizade, é prudente renunciardes ao prazer que teríeis com mexer com vossos amigos além do limite da sua boa vontade.

*O costume de tomar emprestado.* — Muitos amigos romperam a amizade, devido a mal entendidos em tomar emprestado e emprestar. Se o artigo em questão é de somenos importância, é arriscado a que o seu valor seja menos estimado pelo que o toma emprestado. De modo que ele talvez negligencie o cuidado com o objecto ou com o devolvê-lo logo.

Quando os amigos fazem um ao outro empréstimo de muito valor, convém que tratem segundo as estritas regras comerciais. A negligência em dar ao outro um recibo pelo empréstimo do dinheiro traz ao que recebe uma tentação. Talvez seja

«conveniente» esquecer mais tarde os termos exactos do empréstimo, faltar ao pagamento, diferir quanto à quantia dos juros, ou abusar da amizade. Em quase todos os casos assim, a amizade sofre.

Em conclusão, observemos que o êxito no cultivo e conservação da amizade requer inteira observância da regra áurea. Os chamados segredos do êxito para o bom florescimento da amizade, não são segredos afinal. Dependem da ausência do egoísmo, da clareza do pensar, de tacto e reconhecimento do verdadeiro valor de uma amizade.

## Escola Sabatina

CARTA ABERTA A UM PREGADOR

Caro colega:

Assisti no Sábado passado à sessão da Escola Sabatina da sua igreja, onde me dirigira para falar consigo acerca das actividades do nosso departamento. Infelizmente, o irmão não estava presente, por os seus afazeres o reterem noutra lugar. Não me levará pois a mal que lhe comunique por escrito as minhas impressões acerca da Escola de que o irmão é o responsável espiritual.

Minha primeira decepção, ao transpor a porta da capela, foi saber que não se realizava a reunião dos monitores. O director da Escola Sabatina explicou-me, é verdade, que se tratava de circunstâncias excepcionais, mas em breve me apercebi de que uma tal lacuna, mesmo passageira, tinha uma grave repercussão sobre o resto do serviço.

Em primeiro lugar o organista, que desempenha também as funções de monitor, chegou tarde. No último momento, foi necessário solicitar um concurso benévolo. Várias irmãs responderam ao apelo, o que criou uma certa desordem na sala, porque cada uma delas, verificando que não era a única a oferecer os seus serviços, quis retirar-se. Nova emoção no momento de anunciar o primeiro hino: nenhum número estava indicado no quadro. Embaraçada e um pouco vermelha, a se-

cretária apressou-se a reparar o esquecimento.

Após estes contratempos, tínhamos o direito de esperar mais regularidade no desenvolvimento do programa. Vã esperança! A recapitulação, apresentada por um irmão cuja colaboração tinha sido solicitada apenas na véspera, revestiu a forma de uma exposição interminável e um pouco confusa! O adolescente encarregado do apelo em favor das missões contentou-se com ler a comunicação contida no boletim, num tom insulso e quase inaudível. Nenhum convite caloroso à generosidade, nenhuma alusão aos progressos financeiros realizados pela escola! Parece que vossos alunos não fixaram alvo trimestral. Julgava que se ia fazer a colecta, como é hábito em toda a escola sabatina organizada segundo os regulamentos da denominação; enganei-me uma vez mais. Passou-se imediatamente à lição do dia.

Foi o sinal de debandada geral. Certos alunos deixaram o seu lugar e dirigiram-se para o fundo da sala, chocando na passagem com os que vinham em sentido inverso. Quando se restabeleceu mais ou menos a ordem, três classes aguardavam os seus monitores. Cochichos, olhares inquisidores, idas e vindas... Foi necessário render-nos à evidência: esses preciosos colaboradores estavam ausentes. Como

nenhum membro aceitou preencher o papel de suplente, o director, sem outro recurso, reuniu as três classes numa só e encarregou-se ele mesmo dela.

Foi então que decidi ir visitar a secção infantil. Depois de ter errado um momento nos corredores, abri a porta de uma pequena sala bastante sombria onde uma dezena de crianças estavam reunidas sob a direcção de um jovem monitor. Este fazia todos os esforços por captar a atenção do auditório, mas como falava a depressa demais, servindo-se de um vocabulário demasiado rebuscado para aqueles pequenos, não obtinha grande sucesso. As crianças tagarelavam sem grande acanhamento, provocavam-se umas às outras às escondidas, por vezes davam mesmo gargalhadas, obrigando o monitor a reprimil-as constantemente. Procurava em vão na sala os acessórios habituais: rolo de imagens, mesa de areia, quadro negro. Nem sequer havia um ramo de flores na mesa e as paredes estavam completamente nuas. Em tais condições a turbulência dos alunos não era muito surpreendente.

Como sei que a sua igreja conta pelo menos umas trinta crianças, perguntei ao monitor porque estavam presentes apenas dez à escola sabatina. Sua resposta deixou-me estupefacto: boa parte dos que faltavam frequentam a escola oficial no Sábado. Quanto aos outros, os pais preferiam deixá-los em casa dada a sua falta de interesse pela classe infantil. Devo dizer-lhe, caro colega, que compreendo muito bem tal atitude por parte desses pequenos quando verifico a falta de equipamento da sua escola.

Enquanto conversava com o director da secção infantil, ouvi um coro que ensaiava num local contíguo. Um olhar pela porta entreaberta permitiu-me ver uns vinte jovens ocupados em repetir um cântico que devia ser executado antes do sermão. A música é uma bela e boa coisa, mas os nossos membros não deveriam fazê-la passar adiante da Palavra de Deus. Estes jovens tinham-se privado de numerosas bênçãos, não assistindo à escola sabatina. Quem sabe mesmo se entre eles não se encontravam os três monitores ausentes?

Não desejaria, caro colega, cobrir de críticas a escola sabatina da sua igreja, mas colocado perante os factos sinto-me obrigado a expô-los.

Se na sua ausência o programa da escola apresenta tantas lacunas, é porque

há uma falta de organização basilar. O seu dever é controlar as actividades dos membros officiantes. O irmão é o capitão do barco, e não pode deixar a cabine de comando sem estar certo de que os seus homens estão nos seus postos. Só neste caso tudo marchará normalmente mesmo na sua ausência.

A escola sabatina não é da responsabilidade exclusiva do director, do secretário e dos monitores. É também da *sua*. O seu título de pastor, os privilégios espirituais e financeiros que dele resultam, tornam-no directamente responsável pelas diferentes actividades da igreja. Deve responder não só perante o conselho da Conferência, mas também perante o nosso Chefe supremo, Jesus. Os leigos podem evidentemente ajudá-lo na sua tarefa, mas não esqueça que o seu concurso é voluntário. O que eles fazem pela igreja não é senão a manifestação do seu zelo espiritual. Se surgem dificuldades, não são eles os responsáveis perante a organização central, mas o irmão. É pois indispensável que se torne constantemente consciente dos seus deveres. E o primeiro entre eles é vigiar pela boa marcha geral da escola sabatina, fulcro da igreja.

Uma escola viva não negligencia nunca a reunião de monitores. Todos os membros officiantes devem assistir a ela regularmente, assim como os alunos susceptíveis de se tornar monitores. Sua presença é indispensável, porque é necessário que conheça o valor dos ensinamentos dados na escola. Seus conselhos, as luzes que trazer sobre tal ou tal ponto obscuro serão também de primeira importância. Em nenhum caso é um assistente passivo: se não tem nada de construtivo a dizer quanto à própria lição, dirija algumas palavras de encorajamento ou de agradecimento aos monitores e convide-os a fazer progressos constantes.

Como pastor, é igualmente responsável pela aplicação dos regulamentos estabelecidos pela Conferência Geral. Assim, a tendência que têm certos directores de escola sabatina para substituir as pequenas classes separadas por uma classe única é uma infracção às leis existentes. Não deviam em caso algum tomar tal liberdade. Caim, que preferiu seus métodos aos que Deus tinha instituído, tornou-se um criminoso. Seu exemplo não deve ser seguido! Outro caso de «anarquia» reside no costume, caro a muitas escolas, de fazer a colecta não depois da leitura do bo-

letim missionário, mas depois da exposição da lição. A lógica exige que os fundos sejam recolhidos quando um apelo foi dirigido aos membros para esse efeito; porque não nos conformamos com ela?

Passemos agora às actividades musicais. Será indicado que a juventude de uma igreja ensaie hinos durante o tempo reservado à escola sabatina? Se, vindo o Sábado, o coro não está preparado para se apresentar em público, vale mais que se abstenha de toda a actividade nesse dia. Nada de bom pode sair de repetições apressadas, feitas à última hora. Além disso, negligenciar o estudo em comum da santa Palavra, é voltar as costas à bandeira quando é içada. Não sejamos desertores: permaneçamos fiéis ao nosso estandarte.

A senhora White declara que os nossos filhos são a herança deixada a Deus pela igreja. As palavras de Jesus a Pedro — «Apascenta os Meus cordeiros» — mostram que o próprio Salvador considerava estes pequenos como um bem precioso. São eles, com efeito, que constituirão em grande parte o corpo dos fiéis de amanhã. A nobre tarefa de perpetuar e de propagar no mundo as virtudes e a mensagem cristã lhes será confiada. Ora, há na sua igreja filhos de adventistas que transgredem o quarto mandamento. Já tentou o possível para o impedir? Já encarou a fundação de uma escola de igreja onde os nossos pequenos possam instruir-se observando o Sábado? O seu conselho de Conferência examinou já as suas propostas e os seus planos a esse respeito? Inspire-se no exemplo da viuva, cuja perseverança venceu a indiferença do juiz iníquo. Se voltar bastantes vezes à carga, o conselho acabará por responder às suas instâncias e lhe dará satisfação se for necessário. Mas se nada se pede, há poucas probabilidades de que se lhe façam ofertas!

Se a organização de uma escola de igreja apresenta um problema que não pode resolver sozinho, o mesmo não se passa com as classes da secção infantil da escola sabatina.

Basta um esforço de boa vontade por parte dos monitores e monitoras para pôr vida nas linhas por vezes um pouco rebarbativas do trimensário. É com esse fim que imprimimos regularmente o «Moniteur». Ensinar a Bíblia às crianças exactamente como se ensina aos adultos é o melhor meio para as fazer detestar a escola sabatina, a igreja e a própria vida

cristã. Tal método justifica-se tanto menos quanto a denominação nos deu instruções precisas e numerosas acerca da educação religiosa das crianças. Ela também pôs à nossa disposição certos acessórios, mencionados acima, que deveriam ser empregados por todas as escolas sabbatinas infantis sem excepção. Onde essas condições não são preenchidas, o pregador deve sem demora tomar as disposições favoráveis para a sua realização.

E sobretudo, prezado colega, não me diga que nem a sua igreja nem a sua Conferência dispõem dos fundos necessários para a execução desses projectos. Conheço bastante nossos membros para saber que as bolsas se abrem por si mesmas depois de um apelo sincero e entusiasta do pastor local em favor das crianças. O mal é que tais apelos jamais têm lugar, justamente porque o pastor se esquece de visitar a secção infantil e ignora as suas necessidades: como homem ocupado e importante, ele negligencia apertar a mão à monitora e perguntar-lhe como se comportam os seus pequenos. Esta discreta colaboradora desempenha todavia uma função particularmente delicada na escola sabatina.

Desejaria enfim dizer-lhe algumas palavras acerca dum grave preconceito que nutrimos na Europa.

Creemos que o que é bom para a América não o é para nós. Não protesto!... Seria uma formalidade. Sei que, no íntimo do seu coração, alimenta também essa opinião.

Consideremos a primeira parte desta

## DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÃO RELATÓRIO DE C

### NOMES

Aldelino Diogo .....	.....
Clemente Sales .....	.....
Júlia Costa .....	.....
João António .....	.....
Artur Oliveira .....	.....
Luísa Saboga .....	.....
Iacalina Ferreira .....	.....
Ester Dias .....	.....
Afonso António .....	.....
Flora Saramago .....	.....
Laura Fernandes .....	.....
Júlia Sanches .....	.....
Anselmo Almeida .....	.....



proposição: «O que é bom na América...» Ninguém pode negar que os métodos adoptados actualmente por nossos irmãos nesse país não sejam bons: como explicar doutra maneira o número crescente de baptismos e os sucessos financeiros obtidos? Sabem ser generosos para além do Atlântico e, guardadas todas as proporções, não o somos menos em nossos países. Que encorajamento ver o que tem sido feito nos Estados Unidos em favor das crianças, por exemplo! Os simples membros não hesitam em impor-se sacrificios suplementares para tornar as classes atraentes. Oferecem não só o seu dinheiro, mas o seu tempo e os seus talentos individuais. Muitas vezes, bastam alguns rolos de papel de cor, uma tesoura e um pouco de habilidade para realizar prodígios. Porque não daria resultado na Europa este processo? Certas leis naturais verificam-se em toda a parte. Assim, todos sabem que em circunstâncias idênticas, as mesmas causas produzem os mesmos efeitos. Crê que as crianças da Europa sejam fundamentalmente diferentes das dos Estados Unidos? O ardor, a generosidade são qualidades exclusivamente americanas? Confúcio disse: «A natureza dos homens é a mesma; os seus hábitos é que os separam.» Para nós, Europeus, trata-se apenas de triunfar de certa teimosia que nos prende a uma opinião feita. Apliquemos sem reticências os métodos recomendados pela Conferência Geral, e teremos a alegria de obter bons resultados. Talvez se imponham certas modificações

de ordem secundária, mas a ideia directriz é em geral aplicável por toda a parte. De resto nada impede que contribuamos com certos melhoramentos para os processos em curso: o essencial é que não nos limitemos a seguir as pègadas mas a abrir o caminho. O que muitas vezes nos falta é pôr o coração no trabalho. E as doenças de coração classificam-se entre as mais graves...

O irmão e eu, e muitos obreiros conosco, assemelhamo-nos por vezes a Marta de Betânia. Inquietamo-nos e agitamo-nos por motivos fúteis quando uma só coisa é necessária: vigiar pela realização escrupulosa e inteligente dos planos estabelecidos por nossa organização central para o bem da igreja de que Deus nos confiou a guarda.

Se perdêssemos menos tempo em correr de um lado para o outro, se nos dispensássemos de assistir a conselhos e a reuniões em que a nossa presença não é indispensável, se evitássemos intrometer-nos em questiúnculas de campanário para nos consagrarmos ao bem-estar espiritual e à felicidade das almas que nos estão confiadas, levantar-se-ia um novo dia sobre a nossa igreja e sobre o mundo.

Sabe que entre as mais bem organizadas escolas sabatinas da Divisão não há nenhuma, nem uma sequer, em que o departamento do lar funcione normalmente? Todavia, centenas de membros doentes ou isolados far-se-iam de boamente inscrever nesta secção da escola sabatina se isso lhes fosse proposto, e aceitariam com não menos prazer as visitas que se lhes fizesse. Há tempo, uma idosa irmã recebeu-me em sua casa exclamando: «Seja bem-vindo, irmão. Há seis anos que nem um só dos membros de igreja me visitou, apesar de eu ter expressado esse desejo!» Que pensar de uma comunidade em que a solicitude cristã é tão friamente ignorada?

Mas devo concluir, e é com uma nota de confiança que o farei. Não hesitei em lhe abrir o meu coração, pois que somos irmãos, e estou certo de que se sentiria livre para fazer o mesmo. Se tem diante de si alguma dificuldade, poderíamos procurar em conjunto um remédio, aproximando-nos de nosso Salvador e Amigo comum. Desde já sei que Ele não ficará surdo aos nossos pedidos e que, com Ele, faremos proezas!

Seu colega dedicado

A. Dias Gomes

RES DA UNIÃO PORTUGUESA

TUBRO DE 1952

ORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
163	2.300\$00		2.300\$00
84	1.830\$00		1.830\$00
163		1.780\$00	1.780\$00
162	1.730\$00		1.730\$00
49	1.430\$00		1.430\$00
150		1.275\$00	1.275\$00
109		1.200\$00	1.200\$00
94		1.200\$00	1.200\$00
98	750\$00		750\$00
83		700\$00	700\$00
171		700\$00	700\$00
152		525\$00	525\$00
	240\$00		240\$00
478	8.280\$00	7.380\$00	15.660\$00

O Secretário de Publicações

Fernando Garcia Mendes

## Oferta do 13.º Sábado

# O lugar em que habitamos nos é estreito

por O. O. MATTISON  
PRESIDENTE DA UNIÃO SUL-INDIANA

Onde quer que os «filhos dos profetas» se reunam para se prepararem para a obra do Mestre, o lugar mais cedo ou mais tarde torna-se demasiado estreito para eles. Assim era antigamente e assim é hoje. Isto é, aliás, o que devia ser. O crescimento significa expansão, e por vezes a expansão significa o buscar um novo local em que se expandir.

Quando a nossa obra de educação na grande secção tâmul da nossa União Sul-Indiana começou há uns 35 anos, devido à liberalidade dos nossos primeiros crentes, conseguiu-se um lote de três acres de terreno para a erecção de uma escola destinada aos seus jovens. Na altura isso parecia amplo, e com fé e alegria foi construído um conjunto de edifícios que tem servido o campo de maneira notável. Dali têm saído alguns dos nossos mais fortes dirigentes não só desta União, mas também do grande campo da Divisão Sul-Asiática. Orgulhamo-nos por esses homens e mulheres, e eles, sem dúvida, orgulham-se pela escola onde primeiro tomaram conhecimento desta mensagem e onde receberam o apelo para entrarem no serviço do Senhor.

Mas há já alguns anos que se têm sentido como os jovens que se dirigiram a Eliseu dizendo: «Eis que o lugar em que habitamos diante da tua face, nos é estreito. Vamos pois até ao Jordão... e façamo-nos ali um lugar, para habitar ali.» 2 Reis 6:1,2. Com efeito, pouco depois da construção da Escola de Prakasapuram, que hoje se chama «James High School» em honra do seu fundador, Pastor J. S. James, a aldeia de Prakasapuram em breve se converteu numa vila que tão completamente rodeou a escola que lhe não deixou espaço para expansão. Cada vez, porém, que os directores sentiram dever ir para outra parte e restabelecer esta escola de profetas, levantava-se a questão de para onde haviam de ir. Não queriam ir demasiado para o norte pois se afastariam muito da nossa obra estabelecida, e o nosso povo não poderia suportar

as despesas de enviar seus filhos a longas distâncias. Não podiam ir muito para o ocidente ou para sul ou para leste porque nessa altura teriam de se aproximar demasiado do oceano ou da secção da península indiana que falla o Malaio.

A escola cresceu tanto nos últimos anos que fomos forçados a olhar para além do seu horizonte presente para um local definido, sob pena de retrocedermos em vez de seguirmos o caminho normal. Procurámos primeiro na vizinhança, mas nada se apresentou que preenchesse a nossa necessidade. Precisávamos de terra para cultivo, de maneira que produzisse o alimento para a nossa sempre crescente escola e os nossos sempre crescentes rapazes e meninas que a frequentam. Necessitávamos de uma boa estrada e de facilidades ferroviárias. Necessitávamos de boa água para irrigação e para usos domésticos, e assim começámos a procurar em volta de Trichinópolis, que oferecia tudo excepto a conveniente espécie de terreno e abundância de boa água. Fomos então para o grande «cesto de arroz» do campo tâmul, os distritos de Kumbakonam e Tanjore. Encontrámos abundância de água e bom terreno, mas não local conveniente para edificar. Também certos locais que pareciam ideais eram amaldiçoados pela praga da elefantíase, que fazia com que os habitantes parecessem grotescos troncos de árvores ambulantes.

Mas o Senhor continuou a guiar-nos e finalmente depois de muito procurarmos fomos levados a um rico proprietário a sete milhas de Tanjore, que tinha 3.000 acres de rico terreno cultivável, e, se tão-somente o pudéssemos obter, um local ideal para construir. Aproximámo-nos dele com grande apreensão em nossos corações, visto os proprietários da Índia não gostarem de se desfazer das suas terras, que chegaram até eles através de muitas gerações. Este era um pedaço de terreno através do qual passava uma linha de caminho de ferro, com comboios de passageiros cinco vezes ao dia, e uma pe-

quena estação mesmo na extremidade da propriedade, chamada Kudikhadu. A estrada principal também passava pelo limite sul da propriedade, e um grande canal de irrigação pela extremidade setentrional, que nos forneceria abundância de água durante oito meses do ano. Tinha também um fundo poço de água inesgotável justamente no lugar onde decidimos que necessitávamos de construir a escola se pudéssemos obter o terreno, e olhando para o sul podíamos ver o fio eléctrico de alta-tensão que nos fornecia toda a energia eléctrica de que necessitávamos. Todo o local consistia em 60 acres, e que mais podíamos nós pedir? — apenas a boa vontade do homem para nos ceder esses 60 acres dos seus 3.000. Contámos os nossos recursos e orámos para que o Senhor o impressionasse a vir em nosso auxílio.

Sucedeu ao aproximar-nos que ele aguardava ser eleito, mas nunca pensávamos que isso tivesse qualquer coisa que ver com o obtermos o terreno. Mas na realidade ele necessitava urgentemente de dinheiro e nós necessitávamos daquele terreno. Ele apresentou o preço, mas nós não tínhamos essa importância. Juntámos de novo as cabeças e orámos e de novo nos aproximámos dele para ver se obtínhamos a parte que ficava para cima do caminho de ferro, a qual media 40 acres, e para a qual tínhamos dinheiro suficiente. Sim, ele queria que tomássemos os 40 acres de maneira a poder levar

avante a sua campanha. Não nos levou muito tempo a fechar o contrato. Ele agora tinha o dinheiro para a sua campanha e nós tínhamos o terreno para a escola; é verdade que não tanto como desejáramos, mas muito mais do que os três acres que temos no local da nossa escola actual e suficiente para cultivar bastante arroz e vegetais para 200 alunos, e com um rico solo, e maravilhosa abundância de água, e boas facilidades de caminho de ferro e de estradas, e abundância de electricidade para iluminação e fins industriais.

Apelamos para que façais planos para que a oferta do Décimo Terceiro Sábado seja a mais bela que jamais tenhais dado, a fim de nos auxiliardes na construção desta nova escola. Desejamos que todos vós tenhais uma parte nela. Pedimos-vos que façais dela um dos vossos especiais presentes de Natal deste ano, de sorte que a juventude da Tamilândia possa partilhar a sua alegria convosco e assim pelo vosso dom especial muitos jovens possam entrar no serviço do Mestre.

«E disse ele (Eliseu): Ide. E disse um: Serve-te de ires com os teus servos. E disse: Eu irei. E foi com eles.» Este é hoje o nosso apelo para vós. Vinde conosco e construamos juntos esta escola para a juventude tâmara da Índia e para a glória de Deus, e para o avanço da Sua obra na terra. Que o Senhor vos abençoe ao dardes, e abençoe a vossa dádiva.

### RELATÓRIO DE NOVEMBRO DE 1952

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
A. Gomes Duarte .....	202	3.930\$00	1.700\$00	5.630\$00
Clemente A. Sales .....	78	3.735\$00	320\$00	4.055\$00
Isaias da Silva .....	136	3.300\$00		3.300\$00
Aldellino Diogo .....	205	1.910\$00	555\$00	2.465\$00
Luísa Saboga .....	142		1.940\$00	1.940\$00
João António .....	175	1.650\$00	245\$00	1.895\$00
Júlia Costa .....	100		1.810\$00	1.810\$00
Idalina Ferreira .....	62		1.645\$00	1.645\$00
Ester Dias .....	99		1.425\$00	1.425\$00
Parreira Lopes .....	84	720\$00	370\$00	1.090\$00
Flora Saramago .....	130		975\$00	975\$00
Afonso António .....	151	890\$00		890\$00
Júlia Sanches .....	159		655\$00	655\$00
Laura Fernandes .....	176		645\$00	645\$00
Diversos .....		300\$00	220\$00	520\$00
	1.849	16.435\$00	12.505\$00	28.940\$00

O Secretário de Publicações

*Fernando Garcia Mendes*

# Através do Mundo Adventista

Tendo-se realizado em Paris, nos passados dias 19 e 26 de Novembro, o Conselho Anual da Divisão Sul-Europeia foram apresentados dados e notícias, com os quais preenchemos hoje esta secção da nossa revista.

## Número de membros da Divisão

No fim do terceiro trimestre do ano corrente, a Divisão Sul-Europeia contava os seguintes membros, assim distribuídos:

Áustria .....	2.642
Checoslováquia .....	6.174
Bélgica e França .....	3.766
Hungria .....	7.463
Jugoslávia .....	7.638
Roménia .....	38.890
Suíça .....	3.214
Angola .....	6.065
África Oc. e Eq. Francesa .....	2.793
União do Oc. Índico .....	2.234
Itália .....	2.001
África do Norte .....	715
Portugal .....	1.766
Bulgária .....	3.000
Grécia .....	194
Moçambique .....	344
Espanha .....	780
Tânger .....	5
<b>Total .....</b>	<b>89.684</b>

## Baptismos em 1952

Em toda a Divisão, nos três primeiros trimestres do ano corrente, realizaram-se 7.215 baptismos. Merece menção especial Angola, onde se baptizaram 1.094 pessoas no referido período de tempo.

## Escola Sabatina

A Escola Sabatina da Divisão conta actualmente 108.497 membros. Mais uma vez, merece ser mencionada Angola, com 13.919 membros. Comparando com o nú-

mero de membros de igreja, a posição da Escola Sabatina em Portugal, com 2.879 membros, é assás elevada.

## Departamento dos M. V.

Do relatório apresentado pelo Ir. J. J. Aitken, destacamos os seguintes períodos:

«Constatamos com alegria que o total de nossos membros, que se elevava a 30.445 em 1951, sobe este ano a 38.052, o que faz em números redondos um aumento de 8.000 membros.

«O ano de 1952 foi abençoado em muitos domínios. Nossas sociedades empreenderam as maiores campanhas missionárias da sua história. 1951 foi assinalado pelo Congresso de Paris. Em 1952, começámos a recolher os frutos desse gigantesco esforço. Sentimo-nos felizes por ver que não trabalhámos em vão. Graças em parte à propaganda feita nessa altura, nossas escolas estão superlotadas de alunos. O Congresso exerceu igualmente uma influência nítida no aumento do número dos baptismos, que passou de 2.781 para 3.359 ...

«Para nossos M. V. de Portugal, 1951 foi um ano particularmente abençoado. 183 dentre eles passaram os exames das Classes Progressivas, e 63 jovens foram baptizados durante os 9 primeiros meses deste ano. Ao visitar há pouco a União Portuguesa pude ver o magnífico espírito que anima os nossos M. V. e os leva a terminar a obra de Deus nesse campo.»

## Educação

As nossas escolas de preparação missionária estão repletas de alunos. O Seminário de Collonges registou 206 inscrições; a escola missionária de Itália bateu o seu próprio recorde, com 83; a da Áustria conta 40; a de Espanha, 23. Em Portugal temos este ano, a par do curso bíblico, o curso liceal.

Nas escolas missionárias, destacam-se os Camarões, com 3.391 alunos e Angola, com 3.898 alunos.

**Missão Interior**

As nossas igrejas têm estado ao trabalho. Em toda a Divisão, nos primeiros nove meses deste ano foram relatados 144.833 contactos missionários, 755.253 peças de literatura distribuídas, e 144.919 estudos bíblicos dados.

**Rádio**

Temos actualmente emissões em francês, alemão, inglês, italiano, holandês e espanhol.

No Curso Bíblico por Correspondência, foram inscritos desde 1948, 27.484 alunos e foram distribuídos 3.631 diplomas.

**TÊM A PALAVRA OS NOSSOS COLPORTORES***Um pessimista convertido*

É com um sentimento de profunda saudade que escrevo estas simples e humildes linhas que seguem.

Quando ainda me encontrava na risinha Ilha Terceira, Açores, fui iniciado pelo Irmão Fernando Mendes, mui digno chefe dos Colportores da União Portuguesa. Além do meu natural acanhamento, surgiam inumeráveis dificuldades, dúvidas e receios, que me levaram a elevar minhas orações a Deus, na certeza de que Ele era onipotente e misericordioso para me auxiliar.

De início, como inexperiente, o que é natural a qualquer colportor que dá os primeiros passos, surgiram-me algumas dificuldades e espinhos. Mas graças às minhas humildes orações, assim como às dos saudosos irmãos da Ilha Terceira e de minha terra natal, S. Miguel, onde poucos têm o conhecimento da mensagem adventista, vi essas dificuldades vencidas.

Servindo-me da «Revista Adventista» venho junto dos prezados leitores para lhes dar o meu testemunho sincero.

Muitos colportores, depois de vários dias de trabalho, chegam a desanimar, por não verem os seus esforços coroados de êxito em livros vendidos e dinheiro ganho, porém assim não devia de ser, se se tivessem em conta as boas experiências obtidas e a oportunidade de se falar às almas do amor de Jesus.

Apesar da minha pouca experiência, sou a dizer que quando quisermos obter êxito, é apenas com o esforço que o espírito humano faz sobre si e sobre a matéria, o qual dá em resultado o desenvolvimento e vigorização das suas faculdades latentes. Na ordem espiritual, importa muito

mais o esforço do que o êxito. Ainda que o esforço redunde em inêxito material, não deixa de ser eficaz na ordem espiritual, porque dá em resultado o aperfeiçoamento da individualidade.

Prezados Irmãos colportores, mostrai o que sois capazes de fazer, sem mais auxílio do que o de Deus e o vosso próprio esforço. Mas, para isto, é preciso mobilizar, em primeiro lugar, todos os esforços da nossa vontade e todas as energias do nosso espírito. Devemo-nos lembrar que estamos vendendo os livros que dão o conhecimento da verdade, que estamos fazendo a obra de Deus e que todo o talento deve ser empregue para glória do Seu nome.

É nosso dever lembrar que o poder do Criador e o esforço são duas forças com o mesmo ponto de aplicação. Se falta uma delas o resultado há-de falhar. Ambas são as pernas invisíveis da individualidade, as muletas morais da personalidade, a única ajuda eficaz que podemos prestar a nós mesmos. Lembremo-nos que Deus ajuda os bons, ainda que sejam poucos, desde que saibam ajudar-se a si mesmos.

Todos nós devíamos reconhecer a importância da colportagem como um meio de descobrir os que estão em perigo e levá-los a Jesus. Deus usará ao Seu serviço aqueles que assim mostrarem um profundo interesse nas almas que perecem.

Se todo o colportor se lembrasse de ser casto como José, manso como Moisés e temperante como Daniel, então um poder o acompanharia onde quer que fosse. Sob a direcção divina, deviam ir avante na obra e esperar o auxílio do Senhor. O

Espírito Santo os auxiliaria e os anjos do céu seriam seus companheiros, preparando o caminho.

Não poderei esquecer os belos conselhos do Irmão Charpiot quando do último congresso da colportagem em Portalegre. O melhor tributo que lhe poderemos prestar é continuarmos a trilhar a mesma recta, inspirados no mesmo ideal, visando o mesmo objectivo.

Os que me conhecem pessoalmente têm notado pela aparência que não passo de um tímido. Eu vos digo que não só tímido mas um pessimista cem por cento. Desde que li um recanto gráfico, sou a dizer-vos

que senti uma grande transformação. Eis o pensamento: «...Mas, como adoçar a existência de um homem, tomado de desalento provocado por dificuldades? O bom humor não soará falso, num momento em que não existe nenhum motivo para estar alegre? Seguramente, um sorriso forçado ou uma amabilidade superficial, podem parecer fictícias e mesmo desagradáveis, mas no entanto são o melhor meio de combater o pessimismo e a amargura».

Pois sirvam estas simples linhas somente para engrandecer e louvar o Santo nome do Senhor Jesus pelo qual sinto imenso prazer trabalhar.

*José da Costa*

## NOTÍCIAS DO CAMPO

*Amália B. Branco* — No dia 2 deste mês embarcou para Angola, onde vai exercer a Enfermagem, a irmã Amália B. Branco. Que o Senhor a abençoe grandemente no seu novo campo de actividade e a ajude a ser uma bênção para aqueles a quem tratar.

### CONFERÊNCIA PORTUGUESA

#### Porto

De uma carta escrita pelo Pastor J. J. Pires em 28 de Novembro, tomámos a liberdade de transcrever as seguintes linhas: «Tem esta o fim de lhe comunicar que tivemos, Sábado passado, uma bela cerimónia de Santa Ceia, em que quase todos os membros tomaram parte. De tarde, com uma numerosa assistência, realizou-se uma cerimónia baptismal, em que desceram às águas dezanove almas. Foi o maior número que até aqui se baptizou nesta Igreja num só dia. Foi um Sábado cheio de alegria e de fé. Graças ao Senhor por tudo quanto tem feito. A classe baptismal continua.»

#### Barreiro

No Sábado, dia 25 de Outubro de 1952, a Igreja do Barreiro esteve em festa. Era neste dia que estava marcada, para as 15 horas, a inauguração da nossa sala de cultos no *Seixal*. Por este motivo veio estar connosco na Escola Sabatina e apresentar-nos a pregação no Culto, o nosso estimado Ir. Ernesto Ferreira, director da nossa União, acompanhado de sua esposa e filho.

Eram 13,40 quando os nossos irmãos e irmãs e visitas interessadas da Igreja do Barreiro, se juntaram na estação da C. P. Barreiro-A, para tomarem o comboio que os havia de trans-

portar ao *Seixal*. Temos a dizer que foi uma enorme comitiva, calculando-se em noventa pessoas o número de membros, visitas e jovens que foram connosco. Escusado será dizer que só nós enchemos completamente uma carruagem, ficando ainda muitas pessoas de pé.

(E, já agora, abro um parêntesis para dizer que o conjunto dos nossos irmãos não passou despercebido; há 10 ou 20 anos atrás, ninguém por assim dizer dava pela nossa passagem, passávamos despercebidos; mas hoje assim não acontece, já nos apresentamos em grande número, ficando os «do mundo» a pensar e a compreender que nós somos os Adventistas do Sétimo Dia, pois como dizia um dos nossos jovens «hoje já vamos fazendo bicha». Foi isso que aconteceu no pretérito Sábado; a nossa presença em massa deu ao ambiente, tanto no Barreiro como no *Seixal*, um aspecto desusado).

A tarde se bem que a princípio deixasse ver o sol, depois mudou e apresentou-se com aspecto sombrio, começando mesmo a chover. Felizmente depois tudo mudou e embora não se vendo o astro rei, não mais choveu, com grande alegria para nós, visto o trajecto entre a estação e a sala de reuniões, ser ainda de vinte minutos de caminho.

Chegámos ao *Seixal* por volta das 14 horas, indo à frente o Ir. Manuel Máximo, visto ele saber o local exacto da nossa sala. Ao chegar defronte da sala, onde já se encontravam também os Irmãos daquela localidade, o Ir. Ferreira abriu a porta, que dali para o futuro estará aberta para receber todos os que desejam assistir às nossas reuniões.

A sala, que pode albergar umas 120 pessoas, depois da porta aberta encheu-se imediatamente e por este motivo, a reunião que devia começar às 15 horas principiou às 14,30. Conforme nosso costume, a sala não apresentava

luxo, tendo sim um aspecto simples mas atraente. Mesmo assim não falta lá a tradicional luz «fluorescente».

No estraldio estavam: o Ir. Fernando Mendes, secretário das Publicações do nosso movimento, que também nos deu o prazer de estar connosco; o Ir. Ferreira e este vosso humilde colaborador. Também estava presente o Pastor Fernando Simões.

Em primeiro lugar tomou a palavra o Ir. Director, que deu as boas-vindas a todos os presentes e mostrou o seu contentamento por mais esta sala ser dedicada ao estudo da Palavra de Deus.

Após as suas palavras, demos lugar à nossa juventude do Barreiro que trazia um programa para apresentar. Assim estes incansáveis e sempre presentes jovens, tomaram a seu cargo um bom espaço de tempo para brindarem a assistência com as suas poesias, diálogos e cânticos, que foram do agrado geral, pela maneira como eles desempenharam os seus papéis, tanto individual como colectivamente. Para eles vai, pois, um sincero «muito obrigado».

O Ir. Ferreira tomou depois a palavra, para fazer a sua alocução inaugural. Baseou as suas palavras no versículo que diz: «E este Evangelho do reino será pregado em todo o Mundo em testemunho a todas as gentes e então virá o fim». Enquanto o nosso Director falava, o silêncio era absoluto, notando-se ainda nalgumas pessoas um rosto de expectativa, reflexo talvez, pela clareza e maneira como o nosso Director apresentou a mensagem. Para findar o mesmo Ir. convidou os habitantes do Seixal e arredores, a continuarem a vir a esta sala. Se têm problemas, e dificuldades, morais e espirituais, nós, com o auxílio das Sagradas Escrituras, ajudá-los-emos a libertarem-se dos seus fardos e lutas.

Finalmente, agradeceu-se a todos os que de boa mente nos ajudaram para que a inauguração daquela sala fosse uma realidade.

Pois bem, prezados Irmãos e Irmãs espalhados por este vasto território luso, mais um «farol» se acendeu, necessitamos que a sua luz seja mantida para que não se dissipe um pouco mais as trevas do pecado e da ignorância e morte. Neste trabalho necessitamos de vós, para a manutenção desta luz. necessitamos que vós nos ajudeis neste trabalho através das vossas ORAÇÕES. Associai a vossa prece à nossa e todos peçamos a Deus que cumule de bênçãos este trabalho, ainda na sua infância...

Lembrai-vos, pois, da Igreja do Seixal, através das vossas orações.

São estes os votos do vosso colaborador amigo

MANUEL LARANJEIRA

São Julião, 21 de Outubro de 1952

No dia da festa centenária da Escola Sabatina tivemos o prazer de ver baixar às águas baptismais 4 almas que se entregaram a Deus. O dia 27 de Setembro de 1952 para nós foi dia de grande alegria. Graças ao Senhor pelo trabalho que está sendo feito em São Julião.

Temos um membro que foi baptisado no dia 27 de Setembro, que com a sua família vem de uma distância de 45 kms., ida e volta. É admirável o espírito missionário que este Ir. tem. O lugar da sua residência é: São Pedro — Santo António das Areias — Marvão.

Tenho feito esforço em ir de bicicleta sem motor a casa deste nosso Ir. João da Silva Baptista. Ele está sempre pronto para cooperar no trabalho missionário de casa em casa. O povo é atencioso, gosta muito de ouvir a nossa bela mensagem, e os nossos belos hinos.

E, assim, Domingo passado, 19 de Outubro, tivemos reunidos perto de uma centena de pessoas e crianças. Os nossos jovens e Irmãos cooperaram nesta reunião. Foi esta a sexta reunião.

Nesse mesmo dia, fomos fazer ainda reunião em casa de um amigo do nosso prezado e futuro Ir. João Lourenço Pires, que fica distante da casa do nosso Ir. Silva 4 kms., Santo António das Areias. Tivemos presentes, por ser já um pouco tarde, 56 pessoas. Foi a primeira vez que fizemos reunião; tudo correu bem, graças ao Senhor; todos estiveram com muita atenção.

Como diz o Salmista: «Grandes coisas fez o Senhor por nós, por isso estamos alegres». Sim, meus prezados leitores, Irmãos, o Senhor está connosco.

Há portas abertas; aproveitemos agora as belas oportunidades que o Senhor Deus nos dá; Deus dê a todos grande medida do Seu Espírito Santo, e que em breve possamos ver o nosso povo português rendido aos pés de Jesus Cristo.

Vamos orar, trabalhar, confiando nas promessas do Senhor, porque o fim está próximo.

Diz o Apóstolo São Paulo aos Romanos, Cap. 13:11: «E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono: porque a nossa salvação está agora mais perto de nós, do que quando aceitámos a fé».

Vamos atender a Palavra de Deus.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos nós. Amen.

Vosso Ir. em Jesus Cristo,

EDUARDO PINTO

## MISSÃO DE CABO VERDE

Transcrevemos os seguintes períodos de uma carta escrita em 14 de Novembro, pelo Pastor Francisco Cordas, Director da Missão Caboverdiana:

«Este ano já realizámos 28 baptismos e temos 16 em perspectiva. Destes 16 creio que já se realizaram 8 na Brava, mas não posso confirmar ainda a informação.

«Os baptismos são assim distribuídos: S. Vicente, 10; Fogo, 11; Brava, 2; Praia, 5. Total, 28.»

— Tem estado a colportar no arquipélago o Ir. José Estêvão dos Santos. Só na ilha do Sal vendeu mais de 80 livros e noutras ilhas pequenas também algumas dezenas. De uma sua carta dirigida ao chefe dos colportadores, em 5 de Outubro, transcrevemos:

«Cheguei ontem ao Mindelo e penso começar o trabalho segunda-feira. Por estes dias haverá um veleiro para o Sal e eu vou aproveitar logo aquela ilha. Dividi o trabalho do arquipélago em duas partes, depois de ver os meios de transporte que teria. Creio que o Senhor me auxiliará no trabalho e nos meus planos. É o meu ardente desejo colocar em todas as ilhas, se possível, a mensagem para o tempo presente. Embora nalgumas não dê o rendimento material necessário, devido às dificuldades dos meios de transporte,

que importa? Se nós por meio dos nossos livros temos um alvo em vista...

«O Espírito de Profecia fala-nos aos corações. Se os que conhecem a verdade a praticassem, seriam ideados métodos para dirigir-se ao povo onde ele se acha. Foi a providência de Deus que, no princípio da Igreja cristã, espalhou os santos, enviando-os para fora de Jerusalém a muitas partes do Mundo. Os discípulos de Cristo não permaneceram em Jerusalém ou nas cidades próximas, mas foram para além dos limites do seu próprio país, às grandes vias, buscando os perdidos para levá-los a Deus. Hoje o Senhor deseja ver a Sua obra levada a muitos lugares. Não devemos limitar o nosso trabalho a umas poucas localidades, nos diz a Serva do Senhor. As publicações que contêm a luz da verdade presente devem ir a todos os lugares, pois que os livros vendidos pelos colportores abrem a muito espírito as inescrutáveis riquezas de Cristo. Espero êxito, pois confio na promessa do Senhor: 'Eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos'. O tempo é breve e a verdade deve ir avante como uma lâmpada que arde. Eis-me, pois, em S. Vicente, onde faço quartel general de uma parte do arquipélago, pelo menos por um mês.»

### UNIÃO DE ANGOLA

#### Campo Missionário da Luz, 22 de Agosto de 1952

De 7 a 21 de Agosto, realizaram-se os Congressos anuais do Campo Missionário da Luz. Neles participaram os Pastores Manuel J. Lourinho, Presidente da União, Armando Casaca, Secretário, Mário Abel, Jeremias, e o director, pastores e catequistas do Campo Missionário.

Aos leitores que ainda não tenham assistido a um destes Congressos diremos que eles são feitos ao ar livre, em recintos rectangulares, mais ou menos espaçosos, vedados com colmo. Troncos de árvores servem de bancos aos ouvintes que, em grupos, afluem das aldeias vizinhas e das catequises. Perto fica a palhota onde os missionários comem e pernoitam e cujo mobiliário é sempre rudimentar. Por exemplo, uma pernada direita com três galhos, espetada a um canto da cabana pode servir, óptimamente, de armação de lavatório. Um fiozinho servirá de toalheiro; e com forquilhas, paus e fiozinhos se vão improvisando os outros móveis indispensáveis: cabides, prateleiras, mesa e cadeiras.

Muamengo, Natepa, Caxita e Luz foram os locais escolhidos para os Congressos deste ano. Com uma duração média de três dias, teve cada um deles numerosa assistência e boa colheita de almas. Eis o número de baptismos feitos por essa ocasião:

De Muomengo .....	32
De Natepa .....	49
De Caxita .....	3
Da Luz .....	23
Total .....	107

Com estes baptismos fica ultrapassado, neste campo, o objectivo proposto pela Conferência Geral para a duplicação do número de membros no

corrente quadriênio. Em resposta aos apelos feitos, mais de uma centena de pessoas ingressou nas novas classes baptismas.

Regozijamo-nos por Deus ter concedido aos nossos Pastores e Catequistas tão felizes resultados.

#### Missão da Luz, 25 de Agosto de 1952

Teve esta Missão a honra de receber a visita do Pastor A. Dias Gomes, enviado especial da Divisão Sul-Europeia aos Congressos de 1952 da União Angolana. Inteirado dos problemas e projectos deste Campo Missionário, o Pastor Dias Gomes animou-nos com os seus bons conselhos e assegurou-nos que a Divisão estará sempre pronta a amparar a obra nacionalizadora e de erguimento moral em que estão empenhadas as nossas Missões.

Depois de aqui ter pernoitado, partiu de madrugada para a nossa Sede em Nova Lisboa, acompanhado pelos Pastores Armando Casaca e Mário Abel. A todos estes Irmãos apresentamos os nossos agradecimentos pela inspiradora visita e os desejos de uma feliz viagem.

António C. Lopes

### MISSÃO DE MOÇAMBIQUE

A Obra vai avante nesta importante província. Desde 1947-49, o número de membros duplicou, e em 1953 esperamos duplicar de novo o número.

Em 1947 havia apenas uma igreja na Província. No fim deste ano haverá 5.

Em Lourenço Marques há várias pessoas na Classe Baptismal, como resultado do bom trabalho de um pregador leigo, chamado Manuel. Vindo da Ilha Maurícia, chegou aqui ainda não baptizado, mas simples membro da Escola Sabatina. Não deixou de fazer brilhar a sua fraca luz durante os anos e agora está-se preparando para ser baptizado. Enfim, pede a honra de ser o primeiro europeu desta colónia a baptizar-se e é possível que venha a sê-lo.

O futuro é brilhante, embora grande seja a seara e poucos os obreiros.

E. P. Mansell

## REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO  
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA  
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA

ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves, E. Ferreira, M. Lourinho, E. P. Mansell, E. Miranda e M. M. Viegas.

### PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Colónias

Número avulso ..... 1\$50  
Assinatura anual ..... 15\$00

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.  
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA